Os grandes perseguidores de Nosso Senhor e dos Apóstolos

I

Lactâncio escreveu um livro intitulado *Da morte dos perseguidores*. Não se pode lê-lo sem espanto diante da inexorável precisão com que se cumpre o oráculo de nossos Livros Santos. Péssima é a morte dos pecadores: *Mors peccatorum pessima — «He pessima a morte dos peccadores»*. Entre os pecadores, os mais culpados são os perseguidores da religião. Morrer de morte pavorosa é lei que pesa invariavelmente sobre eles. Não é a menor prova da divindade do cristianismo; pois mostra aos olhos dos menos atentos a verdade, sempre antiga e sempre nova, desta outra palavra divina: De Deus ninguém zomba impunemente: *Deus non irridetur — «de Deos não se zomba»*.

II

A história de Lactâncio, confirmada de século em século até os nossos dias, só começa em Nero: importa fazê-la remontar ao tempo de Nosso Senhor. Aliás, só fala dos Césares, perseguidores do Ocidente; convém dar a conhecer seus precursores no Oriente. Preencher essa lacuna e acrescentar um elo à cadeia tradicional é o fim das breves mas eloquentes biografias que vão ocupar-nos.

III

Para não nos repetir, lembremos em duas palavras o que dissemos alhures. Herodes I, o massacrador das crianças de Belém, termina uma vida de crimes com a morte de um réprobo. Tendo querido suicidar-se, expira em atrozes sofrimentos. Judas se enforca; Herodes, o Tetrarca, despojado de seu reino, é exilado em Lyon e morre no desprezo e na miséria; Herodes Agripa, o Velho, morre roído de vermes; Pilatos se suicida; Anás se suicida; Caifás se suicida. Eis o Oriente.

IV

No Ocidente: Nero se suicida; Domiciano é assassinado; Valeriano é esfolado; Diocleciano, Galério, Maximiano morrem de mortes vergonhosas e cruéis. Quantos nomes, no decorrer dos séculos, e notadamente na história da revolução francesa, se poderiam achar para acrescentar ao livro de Lactâncio! De Deus ninguém zomba impunemente: esta palavra é de todos os tempos e de todos os lugares.

Resta falar de um perseguidor mais culpado que todos os outros: o povo judeu.

V

Doutrinado pelos fariseus rancorosos e invejosos, esse povo esqueceu os benefícios e milagres que, havia três anos, Nosso Senhor semeara em suas cidades e povoados. Viu seu doce Salvador chorar sobre Jerusalém. Ouviu-o dizer:

> *Ah se ao menos neste dia, que agora te foi dado, conhecesses ainda tu o que te póde trazer a paz, mas por ora tudo isto está encoberto aos teus olhos. Porque virá hum tempo funesto para ti: no qual os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te situaráo: e te porão em aperto de todas as partes: e te derribarão por terra a ti, e a teus filhos, que estavão dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra: por quanto não conhecestes o tempo da tua visitação.*

Esse povo obstinado não tem olhos para ver nem ouvidos para ouvir. Na hora marcada, lança-se sobre seu libertador como o tigre sobre sua presa. Menos cruel, Pilatos se esforçou por arrancar de suas mãos a augusta vítima. A esse ato de justiça e compaixão, esse povo solta, a uma só voz, o grito deicida: *«O seu sangue caia sobre nós, e sobre nossos filhos.»* Tornado para os judeus a mais espantosa maldição, esse voto foi ouvido, e eis a maneira como foi atendido.

VI

Pelo fim do ano 70 e nos primeiros dias do ano 71, nas festas da Páscoa, Tito, enviado por seu pai Vespasiano, veio pôr cerco a Jerusalém. Seu exército compunha-se de cerca de sessenta mil homens. Jerusalém estava ocupada por três facções que, em vez de se unirem para a defesa comum, faziam-se guerra de morte. Entregavam-se a contínuos combates e destruíram pelo fogo armazéns de trigo que teriam bastado por vários anos à alimentação de toda a população. A pilhagem, o assassínio, todos os crimes não passavam de um jogo.

VII

Tocado de compaixão, Tito, várias vezes, lhes mandou oferecer a paz; mas não quiseram ouvir de nada. Então levou o cerco com vigor. Para cortar toda comunicação com o exterior, cercou a cidade, como predissera Nosso Senhor, com um muro de circunvalação flanqueado de altas torres. Já antes a fome era extrema em Jerusalém; então tornou-se horrível. Uma multidão imensa ali estava reunida, tanto por causa das festas da Páscoa quanto porque não achava mais onde habitar nas cidades arruinadas pelo exército romano.

VIII

O que restava de víveres foi logo consumido, e Jerusalém tornou-se verdadeira imagem do inferno. A guerra, a fome, a peste ali reinavam ao mesmo tempo. Entre parentes não havia mais compaixão. A mulher arrancava o pão da boca do marido, o filho ao pai; e, o que é mais pavoroso, a mãe ao filho, que expirava em seus braços. O desespero levou vários a sair em armas e a lançar-se, frenéticos, sobre os romanos. Tito, seja por cólera, seja para inspirar nos sitiados maior espanto e levá-los a render-se, mandou pôr em cruz todos os que fossem apanhados. Suplicavam-se assim quinhentos por dia, às vezes mais. Em pouco, o número dos crucificados foi tão considerável que já não havia lugar para as cruzes nem cruzes para o suplício.

IX

À vista dessa floresta de homens pendurados em cruzes ao redor da cidade, as facções só se tornaram mais obstinadas e persuadiram o povo de que tal era a sorte de todos os que se entregavam aos romanos. Contudo, vários continuavam a fugir, unicamente para pôr-se em segurança.

Ora, aconteceu que um deles foi notado procurando em seus próprios excrementos o ouro que engolira para dele servir-se em caso de necessidade.

Isso bastou para que os árabes e os sírios que se achavam no exército romano, ocupados unicamente em pilhar e enriquecer-se com os despojos dos judeus, se pusessem a estripar todos os que lhes caíam nas mãos. Numa só noite, dois mil sofreram assim sua pavorosa barbárie. Até romanos se tornaram culpados dessa atrocidade.

X

Na cidade, não bastando os vivos para sepultar os mortos, as praças, as casas e as ruas estavam cheias de cadáveres sem sepultura. Entretanto, desde 14 de abril, quando começara o cerco, até 1º de julho, isto é, em dois meses e meio, haviam-se enterrado, às custas da cidade, seiscentos mil pobres; mas, fatigados de prestar esses deveres de piedade aos defuntos, enchiam de cadáveres vastos edifícios, cuja porta fechavam; ou os lançavam do alto dos muros em abismos que estavam perto e que logo ficaram cheios. Tito, fazendo uma ronda, veio a perceber. Arrepiando-se com o

fedor que se exalava desses montões de cadáveres, gemeu e, de olhos erguidos ao céu, tomou-o por testemunha de que não era a ele que se devia imputar tais horrores.

XI

As facções continuavam o mesmo modo de vida.[1] Entravam nas casas não só para pilhar os vivos, mas os mortos e, depois de despojá-los, iam-se rindo. Nada parecia capaz de tocar esses monstros. Aconteceu, porém, uma coisa que lhes causou horror.

Uma mulher nobre e rica, de além do Jordão, refugiara-se em Jerusalém e ali se achava sitiada. Os sediciosos lhe tomaram todas as riquezas, e até os víveres que escondera. Ferida de dor, fazia o possível para obrigá-los a matá-la; mas nenhum lhe fez essa graça.

Por fim, não podendo mais de fome e desespero, toma o filho que amamentava e, olhando-o com olhos desvairados, diz-lhe:

> *Infeliz criança, para que te reservarei? Para morrer de fome, para ser escrava dos romanos, ou para cair nas mãos desses facciosos ainda piores? Torna-te antes o meu alimento, torna-te uma fúria para esses tiranos, torna-te uma narrativa para sempre funesta e a única desgraça que ainda pode juntar-se às desgraças dos judeus!*

Diz, degola o filho, assa-o, come metade e esconde o resto.

XII

Logo os sicários acorrem, atraídos pelo cheiro desse manjar execrável; ameaçam a mulher de matá-la se não lho mostrar. *«Reservei-vos uma boa parte»*, diz ela, e lhes descobre o que restava de seu filho. Ficaram tomados de horror e, olhando-se fixamente, permaneciam estupefatos.

> *É meu filho — continuou ela —; fui eu que fiz o que vedes. Comei; pois eu comi. Não sejais mais delicados que uma mulher nem mais compassivos que uma mãe. Se repelis a vítima que vos ofereço, pois bem! comi uma metade e comerei a outra.*

XIII

A notícia se espalhara pela cidade, cada um estremecia como se ele mesmo tivesse cometido o crime. Tito, tendo-o sabido, desculpava-se diante de Deus, protestando que oferecera aos judeus a paz com o esquecimento do passado. Mas a mão de Deus estava sobre esse povo. Depois de furiosos combates, Tito aproximou-se enfim do Templo. No desejo de conservar esse soberbo monumento, tentou ainda persuadir os judeus que nele se haviam fortificado a render-se, mas inutilmente. Então apoderou-se do primeiro recinto do Templo, que tinha três. Depois de longo mas vão esforço para abalar as portas do segundo, foi obrigado a pôr-lhe fogo, tomando todas as precauções para preservar das chamas a parte interior e mais magnífica desse vasto monumento.

XIV

Mas um soldado, como impelido, diz o historiador Josefo, testemunha ocular, por um movimento sobrenatural, tomou um tição ardente e, montado nos ombros de um camarada, lançou-o por uma janela numa câmara contígua. Logo acendeu-se um horrível incêndio, ao qual Tito não pôde dar remédio. Gritava, ameaçava, dava ordens, de voz e de mão, para apagar o fogo; mas em vão. Os soldados, esquecendo todas as leis da disciplina, não ouviam nem seus gritos, nem suas ordens, nem suas ameaças. Em poucas horas, o soberbo edifício tornou-se um monte de ruínas.

XV

Com o Templo pereceram mais de seis mil pessoas que nele se haviam refugiado. Os facciosos que haviam podido escapar retiraram-se para a parte mais alta e mais escarpada da cidade. Intimados uma última vez a render-se com a vida salva, obstinaram-se em defender-se. Foi então que Tito abandonou a cidade baixa à pilhagem dos soldados e como presa das chamas. À vista do incêndio, em vez de abandonar sua obstinação desesperada, os facciosos tornaram-se ainda mais ferozes, já não se preocupando em viver depois da ruína da cidade e do Templo. Mas logo, depois de pavorosa carnificina, foram forçados em seus últimos redutos, e tudo caiu em poder do vencedor.

XVI

Tito permitiu então aos soldados matar, saquear, pilhar, saciar sua avidez e seu furor, depois do que ordenou que se abatesse, até os alicerces, o resto da cidade e do Templo; em seguida fez passar o arado. Assim foi literalmente cumprida a predição do Salvador. Só se conservaram três torres, Fasael, Hípico e Mariana, com uma parte da muralha ocidental do Templo: uma dessas torres, para servir de alojamento à guarnição; as outras duas, para ensinar à posteridade que cidade e que fortaleza a valentia dos romanos tomara.

> *Todo o resto da cidade — diz Josefo — foi arrasado e aplainado de maneira que mal se podia crer que algum dia tivesse sido habitado.*

XVII

Teatro do deicídio, Jerusalém e o Templo haviam recebido seu castigo; o povo devia ter o seu. Segundo o testemunho de Josefo, pereceram no cerco de Jerusalém um milhão e cem mil judeus. Não há na história outro exemplo de semelhante catástrofe. Fizeram-se cento e oito mil prisioneiros, dos quais onze mil pereceram de fome. Dos noventa e sete mil sobreviventes, os que tinham menos de dezessete anos foram postos à venda; quanto aos mais velhos, uns, carregados de cadeias, foram enviados ao Egito para serem empregados em obras públicas; outros, distribuídos por diferentes províncias, para combater nos espetáculos, seja uns contra os outros à guisa de gladiadores, seja contra as feras, que por fim deviam devorá-los. Simão, filho de Giora, e João de Giscala, chefes dos sediciosos, com outros setecentos na flor da idade, foram reservados para o triunfo de Tito.

XVIII

Enquanto isso, esse príncipe, voltando a Cesareia, celebrou ali, com jogos públicos, o dia do aniversário do nascimento de seu irmão Domiciano. Nesses jogos de anfiteatro, mais de dois mil e quinhentos judeus perderam miseravelmente a vida, combatendo uns contra os outros ou contra as feras. Pereceu igual número e da mesma maneira em Berito, onde o mesmo Tito celebrou, com ainda mais pompa, o dia do aniversário da ascensão de seu pai ao império.

XIX

Os restos desse miserável povo dispersaram-se por todas as partes do mundo, e por toda parte o castigo os seguiu. Sem pátria, sem reis, desprezados, aviltados, cuspidos, apresentaram, até os nossos dias, a todos os séculos o espetáculo de um cadáver imortal, suspenso no patíbulo da justiça divina, condenado não a morrer, mas a viver. Nunca povo algum foi tratado como esse povo; seu castigo é excepcional, como o crime de que é culpado.

XX

Admiremos, contudo, a infinita bondade de Deus e a inviolável fidelidade a suas promessas! Apesar de seus inumeráveis crimes, coroados pelo deicídio, esse povo continua amado pelo Deus de seus pais. Prometeu-lhe que, no fim do tempo, reconheceria seu Messias, como os irmãos de José reconheceram o irmão que haviam perseguido.

Ainda hoje se vê cumprir-se, visivelmente, essa promessa de misericórdia. Petrificado durante dezessete séculos, recebendo os desprezos de todas as gerações, o povo judeu hoje se move. Entra em relações sociais com as nações cristãs. Suas antigas práticas são abandonadas, seus preconceitos enfraquecem, confessa que o Messias veio. Grande número busca a verdade e a

abraça.

XXI

Coisa imprevista e imprevisível, um judeu convertido comprou o arco do alto do qual Pilatos mostrou Jesus ao povo, que soltou o grito deicida: *«O seu sangue caia sobre nós, e sobre nossos filhos!»*; e ao pé desse mesmo arco, encerrado agora numa bela igreja, religiosas judias fazem ouvir cada dia estas palavras suplicantes: *«Pai, perdoa-lhes: porque não sabem o que fazem.»* Adoremos, admiremos e esperemos: os tempos se aproximam.[2]

Notas

[1] Eram os *communards* desse tempo. (N. do T.: os insurretos da Comuna de Paris, de 1871.)

[2] Ver: Josefo, *Hist. da Guerra dos Judeus*, etc.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:06:18 by Admin
Updated 27 November 2026 01:06:18 by Admin